

***As fadas não usam batom*¹**

João de Mancelos

Um conto do livro

Como beijar uma rapariga com aparelho nos dentes

Um ano é quanto basta, para notares a diferença. A camisola azul, a tua favorita, já não te serve; as sapatilhas magoam-te nos polegares e ameaçam encravar-te as unhas; os calções de banho parecem ter encolhido uns bons centímetros. Cresceste meio palmo, e caminhas desengonçado, uma perna maior do que a outra, consciente de que todos olham para ti e se riem à socapa. Mesmo a voz te responde de forma diferente, hesitando entre o baixo e tenor. Por vezes, até tens medo: não sabes se vais falar como um duende se à super-homem. Já não te reconheces no espelho onde estudas o corpo, em segredo, quando todos dormem. És tu e não és tu.

É também de outra maneira que contemplas as tuas amigas, a pedalarem pela marginal, junto à praia. Mudaram tanto desde o último Estio! A Lina agora usa aparelho nos dentes; em contrapartida, livrou-se das borbulhas que lhe pintalgavam o rosto. Como tu, cresceu — tanto que a bicicleta vermelha lembra um brinquedo minúsculo. Segura o guiador com uma só mão, e leva com a outra o gelado de morango à boca.

— Olha o Pedro! — grita, mal te vê.

Há dois anos, a Lina ainda juntava fósseis, conchas e mexericos. Este Verão, como virás a descobrir, coleciona namorados: desde o nadador salvador, um rapaz que, todas as tardes, joga voleibol com ela, ao miúdo da bolacha americana, que lhe deita o braço sobre os ombros, unindo-a si numa cumplicidade de risos.

A Lina para a bicicleta junto a ti:

— Então, Pedro? Ainda te lembras de mim?

— Não é fácil esquecer-te!

— Como está o teu cão imaginário?

— Acabas de o atropelar!

A Lina parece gozar-te impiedosamente, com o sorriso prateado pelo aparelhinho.

¹ Mancelos, João de. *As fadas não usam batom*. Coimbra: A Mar Arte, 1.ª ed. 1998; Lisboa: Nova Vega, 2.ª ed. aumentada 2004.

Estende-te o gelado e dás-lhe uma lambidela.

A Maria, irmã mais nova de Lina, segue-a, na bicicleta. Pedala na tua direção, com um grito de guerra. Quando esperas o choque iminente, trava e derrapa numa nuvem de poeira. Das duas irmãs, com treze e quinze anos, foi ela quem mudou mais. Está magra como um lápis, ao ponto de as maçãs do rosto, muito coradas, sobressaírem:

— Olá, Pedro!

— Olá, magricela!

A Maria cortou o cabelo, o que realçou os olhos da cor do oceano em dia de bandeira verde. Tem o rosto salpicado de acne, mas, felizmente, não te beija. Tal como a mana, mantém sempre o bom humor — é a feliz possuidora uma alma à prova de borbulhas, desastres amorosos, e todos os restantes espinhos da adolescência.

— Estás giro! — assobia. — Tens namorada? Ou é invisível?

— Não, não tenho — e as tuas orelhas ficam vermelhas, sinal inequívoco de que estás envergonhado.

As duas irmãs olham uma para a outra e trocam um sorriso de Gioconda. Enerva-te, aquela telepatia das manas. Nem precisam de abrir a boca para te gozarem. Nunca lhes escapa qualquer detalhe suscetível de chacota: uma gaivota atrevida que te bicou o boné, ou a onda que te arrebatou uma sapatilha para as profundezas.

— Nenhuma namorada, ah? Temos de tratar disso — promete a Lina.

— Pois *tenho* — corrige a Maria.

A Maria tem um fraquinho por ti. No Verão passado, fazia os possíveis para estar contigo. Passava por tua casa e perguntava-te se querias ir à praia, à piscina, ao café jogar matraquilhos. Se declinavas a companhia, a Maria amuava, mas acabava sempre por se cruzar contigo nas ruas de Buarcos — como quem não quer a coisa. Dava-te o braço, enquanto procuravam pechinchas: pulseiras de plástico, pendentos de latão, e outra quinquilharia.

— Não são o máximo?

Mostra-te uns brincos *hippies* de plástico, que lembram argolas de chuveiro. Observa-la de vários ângulos, enquanto ela levanta o cabelo.

— Sim... não estão mal...

— Que comentário é esse?! — a Maria reage muito mal a críticas.

— Quer dizer: são *lindos*!

— Isso! Esforça-te! Rapazes...

A Maria bem tenta seduzir-te, mas o teu ai Jesus é a Lina. Nessa tarde, espia-la, escondido atrás de uma duna. Está debaixo de um guarda-sol, concentrada num livro de bolso, a soltar suspiros cor-de-rosa. Às vezes, poisa o romance, e olha para longe, com um ar

melancólico. Só as gaivotas têm clemência da sua paixão, e poisam junto dela, deixando a areia semeada de patinhas com três dedos.

Tudo te atrai nela: o queixo delicado, os lábios carnudos, e — estranhamente — o aparelho. Fascina-te, aquela engenhoca prateada. Será que dói, quando ela beija?

Aproximas-te pé ante pé, sem ruído. Tapas-lhe os olhos e ordenas:

— Adivinha!

— Júlio?

— Não...

— Já sei! É o Alberto, o da loja de *surf*!

— Não! Sou eu, o Pedro!

A Lina ri-se. Tiras-lhe o livro da mão e examinas a capa, onde um latino beija apaixonadamente uma mulher cor de leite. É parecido contigo, a mesma tez bronzeada, e os olhos coruscantes.

— Que andas a ler, Lina?

— Uma história de amor. Dá para passar o tempo.

Guarda o livro na sacola, e retira o creme de bronzear. Pensas que te pedirá para lho espalhares, mas a rapariga aplica apenas uma pequena quantidade no rosto.

— Também ando a ler umas coisas — dizes. — *O Robinson Crusoe*.

— *O Robinson*? Aquele livro sobre um náufrago e um indígena chamado Sexta-feira?

— É esse todo! Já leste?

— Mas isso é um livro para *miúdos*, não é? Daqui a pouco dizes-me que gostas da Branca de Neve...

A Maria, que parecia distraída, solta uma gargalhada:

— Talvez o Pedro goste dela. Uma princesa de pele branca, *como tu*, Lina...

Detestas quando falam de ti como se não estivesses presente. Queres ser engolido pela próxima onda, mas ficas. Ficas, porque é com a Lina que sonhas todas as noites, e rezas para que ela te beije como o latino beija a mulher loira, na capa do livro.

Mas quando estás junto da rapariga, descontrolas-te. Entaramelas as palavras, ficas tonto, esticas a camisola azul, receoso de que esteja demasiado curta — e está, mas é a tua favorita. Deves confessar-lhe o teu amor? Pôr cobro a esse sofrimento que te consome? A Lina ou te quer ou te larga, e está na altura de saberes. A festa de Buarcos parece-te uma ocasião apropriada para lhe dizeres quanto gostas dela. No meio do bulício, das danças estonteantes, dos parzinhos que se mimam.

Nas vésperas, treinas em frente ao espelho. Versão um — a frontal: Ó Lina, dás-me um beijo? Demasiado direta. Versão dois — a suave: Linaaa, dáas-me um beeeijo? Ridículo. Pareces

um disco de 45 rotações em 33. Versão três — inexpressiva como um robot: Li-na-dá-mum-bei-jo! Decides-te pelo improvisado, e seja o que o Cupido quiser.

Escolhes uma camisola comprida para não teres de a esticar o tempo todo e prometes cinco ave-marias se as orelhas não te atraíçarem. Porque estes momentos têm de ser perfeitos, fazes a barba com mil cuidados, não sobre um daqueles pelos ridículos e solitários que às vezes escapam ao escanhoar. Para dar um toque de elegância, desperdiças um sexto do frasco de perfume que te deram no aniversário:

— Estás a matar, Casanova! — exultas, diante do espelho.

Abalas para Buarcos, a freguesia coberta de risos, música e aroma a guloseimas cozinhadas na hora. No jardim, a banda toca e os pares dançam, ignorando a mosquitada ao redor dos candeeiros e dos atrelados onde se vendem pipocas e algodão doce. A Lina e a Maria já lá estão, com o António, um colega teu. A mais nova veste um *top* e uma saia negras, a combinar com as unhas, e a contrastar com a pele. A Lina dá-lhe uma cotovelada:

— Olha quem chegou! Já tens par!

A Maria abraça-te:

— Meu príncipe encantado! Cheiras bem! Tomaste banho?

E riem-se as duas. A Lina está radiante — traz uma camisola de Verão, às riscas cor-de-rosa, e uma minissaia particularmente bem-vinda, porque deixa ver as pernas bem torneadas.

Ao longo da noite, as manas discutem roupas, rapazes e discos. Assuntos diferentes dos teus favoritos: futebol e raparigas. Porém, eras capaz de ouvir a Lina durante horas, não pelas palavras, mas pelo movimento dos lábios e pelo cintilar do aparelhinho.

— Leva-me a dançar! — pede a Maria.

— Não posso... Tenho os pés tortos.

— Pés tortos?! És um fofinho!

Não há nada de mais humilhante do que ser chamado *fofinho*. Fofinhos são os ursos de peluche que saem na rifa, são os algodões doces, são os cachorros da tia Matilda! Uma miúda chega ao pé de ti, espeta-te um dedo na barriga e diz: «que fofinho!» As raparigas de onze anos estão sempre nisso. Umas parvinhas.

— Vá lá, anda dançar connosco! — suplica a Maria.

Misturam-se com os restantes pares, enquanto um acordeão toca uma balada pimba muito em moda nesse agosto. Por azar, não te calhou a Lina, mas a mana. Uma mão no ombro; a outra na cintura. A Maria tem uma anca pequena, e tremes ao pensar que a mão te pode escorregar para sítios menos próprios. A Maria cola-se a ti e poisa-te a cabeça no ombro. O cabelo dela provoca-te cócegas agradáveis. Acaricias-lhe a nuca, em especial uma covinha, no cimo do pescoço, onde a pele parece ser ainda mais suave.

— Não pares, Pedro. Isso é tão bom!

Digas o que disseres — és *mesmo* um fofinho.

— Queres ir até à praia? — perguntas-lhe.

— É uma ideia brilhante! Podíamos ver de lá o fogo-de-artifício!

O António, tu e as meninas juntam os trocos e compram duas embalagens de cerveja — doze latas ao todo. Como o vendedor é primo do António, não coloca qualquer entrave à venda de álcool a menores. Nada como a solidariedade masculina. Caminham para longe da festa, na direção do mar.

— Tão calmo, aqui — murmura a Maria, apreciando a brisa fresca.

— Demasiado. Vamos animar a noite — o António passa-te uma cerveja. — Tens idade para beber, Pedro?

— Engraçadinho!

A cerveja é amarga e fresca. Deixa-la escorrer pelo queixo, misturar-se com a transpiração e com o perfume com que te encharcaste. Passa-la à Maria, que traga sete goladas sem respirar, e depois arrota o mais alto que pode.

— Bravo! — grita a mana. — Gostava de ver um rapaz fazer melhor do que isso.

E riem-se todos. Ao acabarem a primeira embalagem de loirinhas, o António saca do maço de tabaco, e acende um cigarro à Lina. A tua amada, iluminada pela chama, inspira, devagar. Depois lança uma baforada experiente.

— Onde aprendeste isso? — perguntas.

— Faz parte do currículo do nono ano.

A Lina passa-te um cigarro, e tentas imitá-la. Felizmente, não te desfazes em tosse. Sentes apenas um picar sobre a língua. Não é mau, não é bom.

O álcool descontraí-te. A meio da terceira lata de cerveja, aproximas a tua mão da de Lina, lentamente, como um caçador que receia afugentar a presa. Graças a essa misteriosa coragem que a bebida concede, murmuras as palavras que toda a noite andaram às voltas pela tua cabeça:

— Lina, dá-me um beijo.

A Lina ergue uma sobrancelha:

— Um beijo?! Nada é grátis neste mundo, miúdo. Se queres um beijo, tens de o merecer.

— Como? Eu faço tudo o que quiseres!

— *Tudo?*

— Sim, tudo — dizes com firmeza.

— Muito bem, Pedro... — a Lina medita durante alguns instantes. — Amanhã entrego-te uma lista de tarefas. Se as fizeres *todas*, se não falhares *nem uma* dou-te um beijo daqui a

uma semana.

Ergues um braço ao céu e gritas um *sim!* eufórico. Está no papo, que ninguém duvide! A excitação percorre-te dos dedos dos pés à cabeça tonta de cerveja. No céu, o fogo-de-artifício explode em lágrimas de todas as cores do Verão.

No dia seguinte, levantas-te mais cedo, encavalitas-te na bicicleta e pedalas até ao chalé que os pais das meninas alugaram. Através da janela da cozinha, a Lina vê-te e acena como uma naufraga. Entras pelas traseiras, saúdas o pai das raparigas — que grunhe qualquer coisa atrás do jornal — e tomas lugar à mesa.

— Hoje madrugaste! — diz a mãe das raparigas. Notas que usa o mesmo perfume que a Lina trazia no dia anterior. — Tens programa?

— Não sei ainda — respondes.

A Lina abafa o riso:

— O Pedro está prestes a tornar-se num rapaz muito, muito ocupado. Mana, dá-lhe o TPC.

A Maria passa-te uma folhinha de papel de carta. Desdobra-la e lês, com uma ruga apreensiva na testa. A lista da Lina, condição para que te beije, é *grande!* Inclui todas as tarefas enfadonhas que os pais a encarregaram de fazer:

1. Pintar a cerca;
2. Arrumar o quarto da Lina — e o da Maria (alguém acrescentara);
3. Lavar o carro;
4. Passear o Farrusco *todos* os dias;
5. Consertar a janela da sala;
6. etc. Um grande etc.

— Nunca vou conseguir! — queixas-te.

— É pegar ou largar — a Lina olha-te em desafio.

— Está bem, então. Quando começo?

— Agora! Encontras um pincel e tinta branca na garagem.

A Maria acaricia-te o pescoço e deseja-te boa sorte, antes de descer na direção do areal, dos gelados, das braçadas na maré cheia, e de todos os divertimentos que abandonas. Em que te meteste? Valerá a pena? Pensas em correr atrás das meninas e anular a aposta. Mas quando a rapariga se volta e te acena, em câmara lenta, com um sorriso metálico, acreditas que todos os sacrifícios serão recompensados.

Ao longo dessa semana, durante quatro horas diárias, cumpres as tarefas da lista com a devoção de um penitente. Nesse primeiro dia, pintas a cerca. Depois, dás banho ao *fox terrier*, que se encostou às tábuas e ficou, também ele, às riscas brancas. Finalmente, oleias as

dobradiças do portão.

No segundo dia, depois de lavares o carro, pausas para passear o cão, e desentorpecer as pernas. Contudo, esta tarefa não é tão relaxante quanto parece. O Farrusco arrasta-te ao ponto de parecer que é ele que te leva pela trela. E urina em toda a parte: pneus, árvores, marcos de correio, bocas-de-incêndio.

— Que te deram as manas a beber, cachorro?

Três raparigas, amigas de férias da Lina, vêm-te e acenam. A Rita comenta:

— Olá, Pedro! Bonito cão! — e afaga-o.

Agora é que ele devia fazer xixi para as pernas da Rita. Mas contém-se.

— Ouvi um boato sobre uma promessa, Pedro.

— O quê? — perguntas, desconfiado.

— Diz-se por aí que a Lina te obriga a fazeres tudo, em troca de um beijo.

As orelhas enrubescem. As outras colegas riem-se e cochicham. Em apenas um dia, toda a gente já sabe. Alguém deu à língua, está visto.

A meio da terceira tarde de trabalhos forçados, quase cais em tentação. Bates à porta do quarto da Lina, para o arrumar. Como não escutas ninguém, rodas a maçaneta e entras. A Lina dorme, abandonada como uma marioneta à qual cortaram os cordéis. Aproximas-te com cuidado, para não a acordares. Acaricias-lhe os dedos; aspiras o aroma a maçãs verdes do champô dela; contempas os lábios entreabertos, que revelam o brilho do aparelho. A Lina abre um pouco mais a boca, engole um bocadinho de saliva, e continua a dormir. Podias dar-lhe um beijo: assim, desprevenida, nem notaria. Mas ama-la e não podes atraí-la. Faltam quatro dias, dois lábios, e um beijo.

A jornada seguinte foi a mais penosa. Não sentes o mesmo entusiasmo. O pai das raparigas não acha a camada de tinta suficientemente espessa. Vai daí, repetes o trabalho e ficas com bolhas nas mãos. A Maria agacha-se e oferece-te uma limonada:

— Então, Pedro?

— Já falta pouco para acabar a lista — tiras o boné e limpas a testa. — Conserto a janela amanhã. Arranjei os parafusos e a chave de fendas.

— Não te parece trabalho a mais para conseguir um beijo?

Encolhes os ombros. Preferes não responder.

— Até porque não precisas disso. Há outras raparigas...

— Não quero o beijo de outras raparigas. Quero o da Lina, e mereço-o.

— Sim, mas os outros rapazes não tiveram de pintar a cerca, nem de passear o cão, nem...

A limonada sabe-te a ácido. A rapariga tem razão.

No quinto dia, estás a aparafusar a dobradiça da janela, quando o pai da Lina e da Maria exclama:

— Bom trabalho! A Maria contou-me que as ajudaste imenso nas tarefas de férias, Pedro. Deixa-me compensar-te de algum modo — e puxa da carteira.

— Não, por favor! — dás um salto para trás.

— Aceita. Merece-lo!

— Não, obrigado — engoles em seco. — Faço isto por gosto.

A nota fica suspensa no ar. Depois, o pai das raparigas recolhe-a, grunhe qualquer coisa, e afasta-se. Respiras de alívio. O beijo não pode ser pago.

No último dia do suplício, trabalhas com o dobro do empenho. Lavas o automóvel escrupulosamente, arrumas o quarto das raparigas, e até passeias o Farrusco com entusiasmo. Faltam dezoito horas para beijares a Lina, junto ao pontão.

Nessa noite dormes mal. Enrodilhas-te nos lençóis, a febre percorrer-te o corpo. Despertas pelo meio-dia com uma dor de cabeça gritante, e o estômago embrulhado de nervos. Mal tocas no almoço, ansioso. Agora, contas os minutos que faltam.

Às três horas da tarde, certinhas, chegas ao pontão. A Lina esta lá, a sorver um gelado de morango, e a andar de um lado para o outro.

— Olá, Lina! Estás aqui há muito?

— Há algum tempo. O António não costuma tardar tanto a chegar.

— À espera do António? Mas, Lina, hoje é o nosso dia!

— Que dia?

— Oh, não, diz-me que não te esqueceste! O dia do beijo!

— Ah, já? Esta minha cabeça...

— Então...? Vais dar-me um beijo...

— Pedro, Pedro... As coisas mudaram: agora tenho um namorado *a sério*, o António. Não quero deitá-lo a perder por causa de uma aposta qualquer!

— Uma aposta qualquer? Não é justo, Lina! Eu fiz tudo, *tudo*! Quero o *meu* beijo!

A Lina perde a paciência:

— Não, já disse! Sendo a ti, punha-me a andar, que o António está a aparecer por aí.

Revês imagens de todas as tarefas que cumpriste ao longo dessa semana. O do cão a urinar por toda a parte, o quarto num desalinho, a maldita da cerca. É de mais! Empurras a Lina contra o farol. O gelado de morango cai e mancha-lhe o vestido. Por um momento, olha-te, incrédula. Aproveitas e pregas-lhe um beijo. A Lina geme, tenta repelir-te, mas está presa. Por fim, as mãos dela já não te afastam. Saboreias o beijo, morno e húmido. Até que uma mão te arranca para longe da rapariga. É o António.

— Que estás a fazer?! — pergunta.

— Fui obrigada! — explica a Lina.

Num ápice, o António prega-te um bofetão que te fende os lábios. Dobra-te com um soco no ventre. Por fim, empurra-te e estatelas-te no chão de cimento. A dor estala-te nos ouvidos. Escorre sangue do nariz. Não sabes quanto tempo ficas ali, agarrado ao estômago. Meia hora ou mais. Até que alguém se aproxima e te afaga o cabelo.

— A Lina é terrível. Nunca pensou que conseguisses cumprir a promessa — diz a Maria, ajoelhada a teu lado. — Nunca.

Tentas falar, mas as palavras estão secas na garganta.

— Se querias assim tanto um beijo, bastava pedires-me, Pedro. Não terias de trabalhar como um mouro. Gosto de ti há muito tempo, mas só tens olhos para a Lina.

Ajuda-te a levantar, senta-te na rocha, e examina os ferimentos da sova:

— Olha para ti, Pedro... O estado em que estás.

Com um cantinho do lenço limpa aqui e acolá alguns vestígios de sangue no canto dos lábios. Depois, beija-os ao de leve. E depois com mais força, a sua língua sobre a tua, um gosto a saliva, um sabor a sangue.

Quando para, olha-te nos olhos:

— Pedro, sabes uma coisa? As tuas orelhas *não* estão vermelhas!

Ris-te. Ficas toda a tarde a beijar, e a desabafar.

— As férias acabaram-se. Partimos hoje à noite — diz a Maria. — Não te esqueças de mim.

— Não esquecerei.

— Promete que escreves!

— Prometido!

Maria salta para a bicicleta e pedala, com energia, na direção do sol. A meio do paredão, larga o guiador e estende os braços como asas — para que o vento a leve.

Sinopse

As Fadas Não Usam Batom é um conjunto de onze contos escritos num estilo ora melancólico ora bem-humorado, mas sempre sensual. Ao longo destas páginas, o leitor ficará a saber por que não usam as fadas batom, aprenderá a beijar uma rapariga com aparelho nos dentes, e descobrirá como cortejar duas irmãs ao mesmo tempo (sem ser descoberto). Travará ainda contacto com uma atriz perdida num labirinto de máscaras, uma sibila que gostaria de não ter o dom da profecia, e dois gémeos com um segredo inefável. São, enfim, histórias de personagens

que procuram o sentido da existência, no mundo contemporâneo, onde o estranho parece normal — e o normal é cada vez mais invulgar.